

Pensar a Fé

Autocomunicação, entrega e engajamento

Carlos Rafael Pinto *

Resumo

O presente artigo apresenta uma proposta de sistematização teológica do ato de fé seguindo a reflexão de João Batista Libanio, abordando os seus níveis e aspectos e aproximando-a de outros teólogos. A fé cristã, autocomunicação de Deus, expressa-se na entrega e no engajamento – como traços do “amor absoluto de Deus”, amor que, segundo Hans Urs von Balthasar, é o objeto da fé – prolongando-se por meio do compromisso com as transformações das realidades, na luta contra as desigualdades e, concomitantemente, na busca da fraternidade, da justiça e da paz.

Palavras-chave: Fé. Autocomunicação. Amor. Níveis.

Abstract

This article presents a proposal for theological systematization of the act of faith, following the reflection of João Batista Libanio, approaching his levels and aspects, and bringing it closer to other theologians. Christian faith, God’s self-communication, expresses itself through commitment and engagement - as traits of the “absolute love of God”, love that, according to Hans Urs von Balthasar, is the object of faith - extending itself through

* Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (2018); doutorando em teologia na mesma instituição (bolsista da Capes).

the commitment to the transformations of realities, in the combat against inequalities and, at the same time, in the search for fraternity, justice and peace.

Keywords: Faith. Self-communication. Love. Levels.

Introdução

“O amor para sempre me assinalou”, assim escreve Lucia Castello Branco (BRANCO, 2006, p.29). Tocados por essas palavras, depois de percorrer os trilhos da disciplina “Ato de fé” oferecida pelo professor Dr. Eugenio Rivas no programa da pós-graduação em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, perguntamo-nos: o que nos assinalou? A prévia resposta nos vem como outra questão: o que é a fé? que se desdobra em outras, a partir das aulas: Qual é o fundamento da fé? Quais são os seus níveis e aspectos? Para responder a elas – tomando por base a visão antropológica de “existencial sobrenatural” de Karl Rahner, segundo a qual “o homem como sujeito é evento da autocomunicação de Deus” (RAHNER, 1989, p.158) –, apresentaremos uma proposta de sistematização teológica em relação ao ato de fé, seguindo a reflexão de João Batista Libanio e aproximando-a de outros teólogos.

1. Fé e seus níveis

João Batista Libanio, em conformidade com o Magistério da Igreja Católica, compreende que a fé se estabelece como resposta do ser humano a Deus, que a ele se revela e se doa – o homem, assim, se descobre “ouvinte da Palavra” (RAHNER, 1989, p.37) –, de maneira que é fundamental à proposta uma resposta, cujo destinatário é sempre pessoal (eu creio) e comunitário (nós cremos).

Ao pensar a fé¹, antes de distingui-la em humana, religiosa, teologal, cristã, eclesial e comunitária, Libanio parte de uma constatação existencial: a fé é uma realidade que acompanha os homens e as mulheres em toda sua existência (cf. LIBANIO, 2004, p.7). Sob a inspiração da antropologia

¹ Embora religião, religiosidade e fé refiram-se a uma experiência que relaciona o ser humano com uma Realidade maior, Libanio as distingue: religião é o sistema de crenças, ritos, símbolos, práticas e doutrinas; religiosidade é a resposta à dimensão subjetiva de abertura da pessoa ao Mistério. Fé, em seu nível teologal e cristão, é a acolhida da Palavra revelada de Deus que interpela o ser humano como exigência ética de vida (cf. LIBANIO, 2001, p.55).

paulina exposta em 1Ts 5,23, o autor afirma que a criatura humana é um ser-fé².

O ser humano é corpo. Abre-se ao mundo. Marca sua presença nele. Relaciona-se com os outros corpos. É alma, vive. Organiza todas as energias para continuar vivendo. É espírito, lança pontes para as outras liberdades e, embora em névoas, para o mistério, para o Ser, para o Absoluto (LIBANIO, 2004, p.7).

Estruturalmente, portanto, o ser humano volta-se³ para o mistério⁴, para a Transcendência, como, nas palavras de Santo Agostinho que, no início da obra *Confissões*, confessa a sua busca insistente e profunda: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (SANTO AGOSTINHO, 2004, p.15). Dessa forma, o fundamento da essência da fé é o ato pelo qual o homem entrega-se numa atitude de confiança a uma realidade ou a alguém. Esse ato básico constitui-se de alguns elementos tais como sujeito, objeto e relação entre ambos.

Um sujeito que se relaciona com um objeto. Um objeto (realidade ou pessoa) com que o sujeito se relaciona. E o mais importante: a relação se faz numa atitude de entrega, de confiança, de colocar, de certo modo, no outro o fundamento desse ato, sem negar a própria subjetividade (LIBANIO, 2004, p.10).

A natureza íntima dessa reciprocidade é efeito da etimologia do verbo crer, do latim *credere*, que se origina da expressão *cor+dare*, isto é, dar o coração (a alguém) (cf. LIBANIO, 2005, p.152). Não só o núcleo, o coração é também a expressão de tudo aquilo que há de profundo e radical, traduzindo a totalidade da pessoa humana no afetivo gesto de entrega. Dar o coração de modo definitivo a Deus significa a verdadeira raiz ou o cerne da fé (LIBANIO, 1974, p.60).

Para exprimir a ação da fé, Libanio usa o verbo crer (cf. LIBANIO, 2005, p.152), abordando a regência gramatical de *credere* em seu duplo objeto: Deus e outras realidades da Tradição⁵. Em relação a Deus, usa-se, nos Símbolos da Fé, a preposição *in*, que se refere às três pessoas trinitárias: *credere in Deum Patrem, in Filium, in Spiritum Sanctum*.

² Segundo Libanio, essa conceituação pode ser considerada o ‘Princípio da Esperança’, como prefere o filósofo marxista Ernst Bloch (cf. LIBANIO, 2004, p.7).

³ Nesse sentido, Karl Rahner serve-se do conceito de existencial heideggeriano e ‘sobrenatural’ para compreender que o homem é constituído pelo dom gratuito que Deus faz de si mesmo a ele (cf. SESBOÛE, 2004, p.110).

⁴ O Mistério e o Incognoscível são nomes pelos quais as religiões chamaram a Deus. Deus é sempre Mistério e Incognoscível. Mas, Ele pode ser, de acordo com Leonardo Boff, intuído pela razão devota e pode ser sentido pelo coração (cf. BOFF, 2002, p.68-69).

⁵ Max Seckler informa-nos que, na história da Igreja, apenas três Concílios tomaram posição a respeito da fé: o segundo Concílio de Orange (529 d.C.), o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano I (cf. SECKLER, 1970, p.204-205).

Para as outras realidades omite-se a preposição, tal como após a Profissão de Fé no Espírito Santo, reza-se *credo Ecclesiam*, no acusativo para marcar a diferença. Isso significa que não se crê no Espírito Santo e na Igreja da mesma maneira: não se crê “na Igreja”, porém na Igreja que existe como obra do Espírito Santo, em quem creio.

Mediante a tradição latina, conhecem-se outras três regências do verbo *credere* em relação a Deus: ‘*credere Deum, credere Deo, credere in Deum*’. A saber, *credere Deum* exprime Deus como objeto crido por existir; *credere Deo* se refere a Deus, pessoa a quem se crê como testemunha veraz do que revela; e *credere in Deum* indica o fim para o qual tende a fé, Deus a quem a pessoa se entrega como revelador e salvador (cf. LIBANIO, 2005, p.155).

Desde a Teologia Patrística⁶, há duas outras expressões, tornadas clássicas na Escolástica, que são também usadas para mostrar aspectos diversos do ato de fé:

A fides quae creditur – a fé que se crê – refere-se ao objeto, ao conteúdo da fé. Relaciona-se mais diretamente à Revelação passiva, ao *credere Deum*. A *fides qua* significa a fé por causa da qual se acolhe a Deus. Exprime o ato de fé. É a fé pela qual me volto a Deus em Cristo pelo Espírito Santo por meio da aceitação do que a Igreja crê (*fides quae*) (LIBANIO, 2005, p.155-156).

Essa fé distingue-se em alguns níveis, quer dizer, humano, religioso, teológico, cristão e eclesial.

1.1 Fé humana

Experiência fundamental entre as pessoas, esse nível de fé prolonga-se para as coisas, os mistérios e as religiões, de tal modo que crer é a condição de existir num convívio humano. O ser humano nasce incompleto, permanecendo em total dependência dos pais e dos que cuidam dele. Tal situação de incompletude predispõe-nos e, mais, obriga-nos a manter uma atitude de confiança no outro.

Necessita-se da liberdade de outros para existir. E a própria liberdade, sem a qual se permanece no reino animal, sem humanizar-nos, constitui-se na relação com outras liberdades. Convém abordar, em resumo, o estudo do psicanalista Erich Fromm (FROMM, 1981, s/d) sobre os mecanismos

⁶ Seckler observa que já Santo Agostinho na obra *Trindade* começa por distinguir entre *fides quae* e *fides qua creditur* (cf. SECKLER, 1970, p.199).

sociais de fuga⁷, segundo os quais nossa liberdade tem medo de uma realidade diferente diante da qual se deve situar.

Isso pode causar dupla tentação: ao não suportar a liberdade do outro, a pessoa destrói a realidade diferente, fica sozinha e mata-o, inclusive; ao ter medo do diferente, a pessoa anula sua liberdade, submetendo-se totalmente ao outro. Nos dois casos, suprime-se o verdadeiro espaço da liberdade, que é o encontro da liberdade com uma realidade diferente dela.

O primeiro movimento instintivo é de confiança no outro que acolhe, que protege, que cuida. Se essa primeira experiência humana é bem-sucedida, tem-se a base psicológica para a fé, firmando-se no inconsciente da criança a atitude espontânea de entrega para além do puramente instintivo. É nesse período que se planta a semente da fé humana ou da resistência à mesma.

No entanto, haverá quem terá mais dificuldade ou facilidade para desenvolver a atitude de fé nas pessoas. Somente o jogo de experiências, que constitui a existência humana, ensinar-nos-á a dificuldade de discernir em quem ter fé: a fidelidade e a traição, como Libanio observa nos casos paradigmáticos de Pedro e Judas, na vida de Jesus.

Ambos foram convidados para ser seguidores íntimos de Jesus. Ele tinha fé neles; do contrário, não os teria escolhido. Pedro traiu, mas imediatamente reatou a amizade. Um tipo de experiência que reforça a confiança na pessoa humana. Mesmo quando falha, existe nela força interior que a faz reerguer-se. Judas também traiu, mas permaneceu nessa situação até o suicídio (LIBANIO, 2004, p.14).

Esse episódio revela que a fé humana implica necessariamente risco, cuja razão profunda está na impossibilidade de penetrar o interior da outra pessoa, de quem a liberdade não nos é transparente. Ao contrário do que disse o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, o outro não é o inferno, mas mistério, incógnita, enigma.

Entre a extrema credulidade e a desconfiança enrustida, como crer nas pessoas? Para Libanio, aprende-se a crer nelas a partir de sinais de credibilidade, ou seja, observando-as, percebem-se sinais que abonam ou desabonam a veracidade de suas palavras e condutas. Discernindo tais sinais, atribui-se-lhes mais ou menos fé. Desse modo, desloca-se o problema para os sinais: que sinais permitem maior ou menor credibilidade? Que sinais gozam de maior ou menor clarividência?

⁷ Mecanismo de fuga é um "processo psicológico pelo qual o homem tenta escapar às condições de sua própria existência, percebida (sentida) por ele como insuportável. Representa a maneira inadequada de o homem canalizar suas energias, em resposta a seus problemas de existência, como o desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais" (MONNERAT CELES, 1980, p.23).

No campo da fé humana, os sinais de credibilidade dependem de culturas, idades, históricos existenciais, etnias. Numa constante relação com a cultura em que se vive, cada indivíduo constrói os sinais de credibilidade que se operam nas relações humanas, de modo a confiar numas e não em outras. Nesse sentido, essa fé humana nunca é definitiva, os sinais emitidos pelo outro estão sempre sujeitos à mudança. Daí que a fé humana está sempre sujeita a reversões.

Assim, toda fé humana é um risco inevitável das duas partes: em nós, que cremos, pois é falível a nossa percepção do outro; e do outro em quem cremos, porque também ele pode enganar-nos:

A verdadeira experiência de fé humana implica de quem crê um gesto de entrega e daquele em quem se crê a verdade de sua existência, a veracidade de seu ser. A fé é sempre bilateral. De um lado há a entrega; de outro, a aceitação merecida (LIBANIO, 2004, p.15).

A fé humana ancora-se, portanto, fundamentalmente na experiência humana de fragilidade, de incompletude, de carência de outros para existir em quem necessitamos confiar.

1.2 Fé religiosa

Base sobre a qual se constrói a fé religiosa, a fé humana, para Libanio é a condição necessária para a fé religiosa, cuja exigência nos lança para além da esfera das relações humanas, ao entrar no campo do mistério.

Entretanto, longe de clarear, instala-se outro questionamento: qual o significado de 'mistério' e o seu universo semântico? Primeiramente, o termo mistério tem dupla conotação: de limite e de sedução. Ao se referir às realidades difíceis, que nos desafiam, constata-se o limite de nossa inteligência. Embora sejam realidades criadas, resistem a uma transparência total.

O húmus cultural do termo mistério é religioso. O autor investiga a sua origem grega na qual está o verbo *μνειν*. O Dicionário grego-inglês de Oxford dá o sentido deste verbo: iniciar (alguém) para dentro dos mistérios (religiosos); ele é usado mais frequentemente no passado, de 'ser iniciado', ensinar, instruir. Somente em sentido analógico é que mistério significa 'segredo'.

Mistério é fundamentalmente uma realidade transcendente. Não necessariamente pessoal. É tão fascinante que ao ser conhecido nos atrai para que o conheçamos sempre mais. Dentro desse mergulho de conhecimento percebe-se que se está diante de um oceano

infinito, absolutamente intransponível pela razão. O mistério revela e esconde. Revela a riqueza, a transcendência de uma realidade, mas, ao mesmo tempo, veda-lhe a total transparência e conhecimento. Deixa o coração humano na situação que Santo Agostinho formulou nas Confissões, referindo-se a Deus: "E o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós" (LIBANIO, 2004, p.22).

Pertence ao conjunto semântico de mistério, os termos sagrado, religioso, divino, numinoso e tabu. Nesse universo de experiências, fala-se de fé religiosa. No entanto, qual a compreensão de fé religiosa? O termo 'religioso' reflete, em sua etimologia, uma dupla experiência, a saber, subjetiva e objetiva da Religião.

Religião vem de *re+ligare* – religar, relacionar. Ela compreende meios, ritos, cultos, lugares e pessoas que permitem, facilitam, mediam nossa relação com o mundo divino. É o lado subjetivo da religião. Mas há ainda outra etimologia, atestada por Cícero, que vê "religião" originar-se de *re+legere* – reler, considerar. Ser religioso é cuidar das coisas que pertencem ao culto dos deuses, escolhendo-as. É o lado objetivo da religião (LIBANIO, 2004, p.24).

A fé religiosa implica, portanto, ligar-se com o mundo divino e cuidar das coisas do culto, abarcando a bipolaridade de dois universos existenciais: o humano e o divino. O termo divino permite duas intelecções: a pessoa de Deus, sendo, nesse caso, a fé religiosa um passo à frente, ou seja, teologal; ou esfera, dimensão, clima, espírito, aura misteriosa que nos envolve como ser superior. Não se precisa exatamente de que se trata. É nesse sentido que se usa "fé religiosa".

A fé religiosa ancora-se na psicologia das pessoas, havendo estudos que desvendam o processo evolutivo em articulação com as fases da vida humana, cujos extremos são sensíveis à fé religiosa: as crianças e os anciãos aproximam-se do mistério. A partir da adolescência, e especialmente na idade adulta, facilmente as pessoas afastam-se da dimensão religiosa da vida. Como a fé religiosa, em várias de suas expressões, aponta para um mistério pessoal, entra-se na fé teologal.

1.3 Fé teologal

Concebe-se teologal como a fé em um Deus pessoal, que acarreta outro horizonte de compreensão. Na etimologia do termo teologal está *θεός*, Deus, que existe explicitamente nas três Religiões monoteístas (Judaísmo, Islamismo e Cristianismo), as quais afirmam dois elementos fundamentais para a fé teologal. Primeiro, existe um Deus pessoal:

Ele se revelou, interpelando o ser humano a uma acolhida dessa revelação. Essa é uma proposta de Deus, porque está *posta* diante (*pro*) do ser humano, uma Palavra de Deus. Cabe ao ser humano dar de volta (*posta*) algo que seja real (*res*). Fé é, portanto, a “resposta” a uma “pro-posta” (LIBANIO, 2004, p.32).

De acordo com o autor, só há fé teologal onde existe e se reconhece explicitamente uma autocomunicação da pessoa de Deus com a humanidade, à espera de uma acolhida de sua parte. A fé teologal é, pois, um diálogo entre Deus e a criatura, que constitui o segundo elemento fundamental para sua compreensão:

Diálogo não simplesmente com um mistério por meio do cosmos e do eu (fé religiosa), e menos ainda com uma orientação de vida pela aceitação de um testemunho humano (fé antropológica), mas sim com a pessoa de Deus que se manifesta por meio de palavras. Não se crê naqueles que transmitem tais palavras – os profetas –, mas no Deus a que eles se referem como fonte da palavra (LIBANIO, 2004, p.32).

1.4 Fé cristã

Em termos de ensinamento, o núcleo da fé cristã consubstanciou-se, desde o início, em formulações solenes chamadas Credos. No Segundo Testamento, encontram-se breves menções da fé trinitária, entre as quais a mais conhecida tornou-se saudação inicial nas liturgias católicas: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!” (2Cor 13,13)⁸. Sua estrutura é trinitária: parte da especificidade cristã – a graça de Jesus Cristo – para, em seguida, mencionar o Pai e o Espírito Santo. Na Fórmula Niceno-constantinopolitana professa-se:

Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem (“Creio em só Deus, Pai todo-poderoso”). Aí a fé cristã comunga absolutamente com a fé judaica e islâmica. O credo continua a afirmar: *et in unum Dominum Iesum Christum, Filium Dei unigenitum* (“Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus”). E a terceira expressão radical da fé diz: *Et in Spiritum Sanctum, Dominum et vivificantem* (“Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida”). Este é o cerne da fé cristã, que a distingue de toda outra crença (LIBANIO, 2004, p.41).

Desde seus primórdios, contrapondo-se ao politeísmo pagão e afirmando um só ‘ser’, uma só natureza, uma só essência, uma só

⁸ Consideramos ainda a fórmula batismal: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19).

substância divina, essa fé se firmou na concepção de que a unidade de Deus estava no 'ser' e na essência. Rompendo também com o monoteísmo unipessoal do Judaísmo, o Cristianismo afirmou a divindade de Jesus Cristo e a do Espírito nos grandes concílios de Niceia (325 d.C.) e Constantinopla (381 d.C.).

No IV século, quando se fixou, com clareza, a tripessoalidade de Deus na sua unidade essencial, os esforços teológicos concentraram-se na explicação do paradoxo de uma natureza e três pessoas. Além de teológica, a fé cristã compreende Deus como Pai de Jesus e como Doador do Espírito Santo, sendo, por conseguinte, teológica trinitária⁹.

1.5 Fé eclesial

Compreendendo-se, desde seus albores, como um anúncio de salvação a ser comunicado ao mundo inteiro, o Cristianismo vincula essa salvação à memória operativa de Jesus de Nazaré pela força do Espírito Santo. Tal anúncio e realização não é uma realidade a ser vivida exclusivamente na singularidade das pessoas:

Os cristãos perceberam nos ensinamentos, na conduta e, sobretudo na ceia de despedida de Jesus e na experiência do Espírito no evento da ressurreição, a intenção e vontade do próprio Jesus de que se constituíssem comunidades, igrejas locais em comunhão entre si (LIBANIO, 2004, p.46-47).

Vivido pelos cristãos que se organizaram em igreja, esse dado primigênio é a fé eclesial, que explicita na Igreja a maneira de viver a fé cristã. Embora não seja diferente da fé cristã, sua concretização traz consequências para a compreensão da própria doutrina e para a vivência concreta. O elemento fundamental é, de acordo com Libanio, a dimensão comunitária da fé.

A essa estrutura interna da fé se relaciona a graça, que, sob a perspectiva teológica, é um ponto crucial da fé. Se, por um lado, pensava-se que ela era um ato da liberdade humana, por outro, ela é fundamentalmente graça. Se assim é, que relação existe entre liberdade e graça? Na sua última realidade, não é num movimento da liberdade humana que se decide por Deus, pelo contrário, um movimento de Deus que a atrai e lhe fundamenta o ato de fé, o qual se firma no testemunho de Deus sabido e crido:

⁹ Na exposição dogmática, *o Deus trino, fundamento transcendente da história da salvação*, Karl Rahner trata da preparação da revelação da Trindade, da própria revelação da Trindade e da história do conhecimento deste mistério na doutrina e prática da Igreja (cf. RAHNER, 1972, p.283-359).

O dinamismo do ser humano para Ele [Deus] não é mera tendência do espírito para o ser, a verdade, o bem, a beleza, como afirma a filosofia clássica. Mais do que isso, ela é um chamado profundíssimo no coração humano por parte do Deus que cria e ama, que dá o ser, a liberdade e a possibilidade real de o ser humano orientar-se para ele. A força da atração da graça divina permite que as dificuldades sejam superadas, desde que o ser humano não lhe oponha a resistência de seu livre “não” (LIBANIO, 2004, p.54).

Se a fé é um ato da liberdade e da graça, para Libanio, o equilíbrio desse jogo desafia e continuará desafiando as teologias de todos os tempos que afirmam a necessidade da liberdade e da graça. A fé tem, então, uma tríplice gratuidade:

Aliás, a atitude última da fé é a gratuidade, que em termos teológicos chamamos de “graça”. É gratuidade da *parte de Deus*, que quis, em sua livre bondade e misericórdia, propor-nos esse tipo de relação de amor, de amizade com Ele. É convite de sua liberdade [...].

Um segundo nível [...] decorre da consideração anterior. Deus não só nos propõe gratuitamente [...]. Mas é graça dele o fato de nós o aceitarmos. Ele nos dá a possibilidade real, concreta, histórica de poder responder a esse projeto, a essa proposta. Sem essa sua graça, encontrar-nos-íamos diante do impossível, do inacessível. Deus na sua graça faz o convite e dá a força para aceitá-lo. Dupla graça.

Diante desse duplo nível de gratuidade da fé, alguém pode perguntar-se, perplexo, se ainda sobra espaço para a liberdade de quem acolhe [...]. Agostinho via bem esse problema. ‘De fato, o próprio querer crer é dado por Deus ao homem. Sua misericórdia se antecipa a nós em tudo. Mas consentir ou dissentir desse chamado de Deus é próprio da *liberdade humana*’ [...] (LIBANIO, 1985, p.16-18).

A liberdade humana que acolhe, aceita, deixa-se atrair, não perde a autonomia, antes, afirma-se, no ato de fé, a plenitude da liberdade humana:

Nunca somos tão livres quando afirmamos na graça a entrega a Deus, isto é, quando cremos. O ato de fé é a cruz da inteligência, porque lhe falta a evidência; é a plenitude da liberdade, porque o ser humano se apóia no próprio testemunho de Deus, firmíssimo e inquebrantável (LIBANIO, 2004, p.54-55).

Em resumo, num constante estar-a-ser criado estruturalmente, o ser humano está circunscrito a estas contingências: necessita de uma confiança (fé humana); em seu interior está inscrito um desejo de mistério (fé

religiosa); Deus se lhe manifestou por meio de revelações como Deus pessoal (fé teologal), tripessoal em Jesus Cristo (fé cristã), que constituiu uma comunidade para continuar sua missão (fé eclesial) (cf. LIBANIO, 2004, p.53).

2. Fé e seus aspectos

Diante da proposta salvífica de Deus e como atitude global da pessoa humana em comunidade, a fé pode ser analisada sob diferentes aspectos: existencial, hermenêutico, prático e escatológico.

2.1 Aspecto existencial

Refletindo a etimologia do termo "crer", constatamos que nessa dimensão estão incrustados entrega, aceitação, acolhimento e, ao mesmo tempo, engajamento pessoal diante da interpelação de Deus. Esse é um compromisso de vida, de existência, seja pessoal, seja comunitário. Enquanto a comunidade põe-se em atitude de escuta diante da Palavra interpelante de Deus, seus membros, por sua vez, dispõem-se, no movimento dinâmico da graça, a acolher e a comprometer-se.

Salientando o caráter de liberdade da fé (cf. LIBANIO, 2005, p.156), o aspecto existencial atende mais à dimensão de gratuidade da parte da humanidade. Ao longo da existência, o ser da pessoa bem como sua liberdade ontológica vão constituindo-se, de modo a não se poder compreender sua concreta essência histórica prescindindo da fé.

A dimensão existencial é, por conseguinte, ontológica, afetando a inteligência (*logos*) do ser (*ontos*). Além disso, como todo *logos* torna-se humano na medida em que é apreendido, captado, percebido, essa dimensão existencial da fé afeta nossa consciência, nossa vivência. Para Libanio, a fé é existencial e um 'existencial'.

É existencial no sentido de percebermos a nossa existência internamente atingida, provocando-nos a assumi-la (a existência) ao mesmo tempo como tarefa de nosso agir e pensar. A fé é "um existencial" no sentido de atualizar uma condição que é uma determinação ontológica e real de nosso ser. Por sua vez, essa situação, criada gratuitamente por Deus, é dada à nossa natureza de tal modo que nunca lhe será negada na atual história. A fé afeta estruturas formais ontológicas da existência humana (LIBANIO, 1985, p.19).

Logo, além de a fé ser vivida na dimensão da percepção explícita ou sensível, ela também nos transforma ontologicamente, no mais profundo

de nosso ser, como pessoa e como membro de uma comunidade eclesial (cf. LIBANIO, 1985, p.19).

2.2 Aspecto hermenêutico

A fé não pode ser entendida simplesmente a partir da estrutura ontológica ou metafísica do existir, visto que estamos dentro de um processo histórico em que a interpelação de Deus necessita, a cada momento, ser interpretada (cf. LIBANIO, 2005, p.161).

Decorrência interna da estrutura humana do conhecimento, o aspecto hermenêutico da fé só é conhecido por nós se o interpretarmos, evidentemente, assistidos pelo Espírito Santo. Como Deus se revela a nós, mortais, Ele respeita nossa condição de conhecimento, com todos os riscos inerentes a ela. A estrutura hermenêutica da fé revela o tríplice caráter – objetivo, subjetivo e histórico:

Só é possível uma interpretação, se houver um objeto a ser interpretado – caráter objetivo. Sem *objeto*, não há hermenêutica possível. Partiríamos para o campo do fantasioso, da pura criatividade, e não estaríamos em relação com nenhuma tradição, com nenhum passado. Não haveria fé em nada, mas sim autoprojeção. Sem *sujeito* que interpreta, a hermenêutica não passa de um psitacismo material. Repetem-se palavras mortas, congelam-se conteúdos formais, abstratos, sem carne, sem vida. Sem *história*, não se entende por que, uma vez feita uma interpretação, ela se deixa superar, e exija-se nova reinterpretação (LIBANIO, 1985, p.24).

Objeto central do testemunho, o mistério de nossa salvação, operada por Deus mediante Jesus de Nazaré, é salvífico e foi, historicamente, interpretado em alguns esquemas. No momento metafísico-cosmológico, pergunta-se acerca do objeto da fé: qual a essência, o conteúdo da verdade em que devemos crer? Sobre tal horizonte a preocupação metafísica pelo 'ser'. No modelo de compreensão afigura-se o cosmos, na sua rigidez, imutabilidade, constância, objetividade.

A definição de fé elaborada na constituição *Dei Filius* (sobre a fé católica), do Concílio Vaticano I, reflete significativamente essa relação entre a fé e a objetividade da verdade revelada¹⁰:

A fé é uma] virtude sobrenatural, pela qual cremos, sob a inspiração de Deus e com a ajuda da graça, cremos ser verdade o que ele

¹⁰ Essa clássica definição do Vaticano I é, de acordo com Libanio, a expressão mais elaborada em resposta ao fundamento da fé para os luteranos de que a experiência pessoal interna da manifestação da salvação realizada por Deus, *sola fide*, 'só pela fé' (cf. LIBANIO, 2005, p.63).

revela, não devido à verdade intrínseca das coisas conhecida pela luz natural da razão, mas em virtude da autoridade do próprio Deus revelante, o qual não pode enganar-se nem enganar-nos. (DENZINGER, 2007, n.3008).

A atenção, antes concentrada no objeto, no mundo das coisas, é deslocada, no momento antropológico, para as condições do sujeito interpelante. A pergunta pelo 'ser' (momento metafísico) desloca-se para a pergunta pela existência, pelo significado, pelo sujeito. Um dos ganhos desse momento antropológico consiste precisamente nessa descoberta da subjetividade, que coloca o aspecto hermenêutico da fé em relevância, isto é, aquele que crê não só interpreta a tradição de fé, mas sabe que a interpreta, dentro de uma comunidade em que vive a fé (cf. LIBANIO, 1985, p.25-26). O momento histórico dialético caracteriza-se, portanto, pela percepção do sujeito em relação com o contexto social que o condiciona:

O sujeito, que crê, não somente percebe sua condição de sujeito interpretante, mas também sabe relacionar tal condição com sua situação histórica. Sujeitos em situações históricas diferentes produzem interpretações diferentes. O sujeito só consegue interpretar dentro das possibilidades oferecidas pelo momento histórico (LIBANIO, 1985, p.26).

A fé insere-se dentro de uma cadeia de interpretações, formada por um passado e um futuro projetivo: cada momento entende-se dentro dessa tensão de desprendimento do passado e de projeção para o futuro. Nota-se esse processo interpretativo, por exemplo, no Credo formulado pelo Papa Paulo VI (cf. PAULO VI, 1968, s/d), que é uma das tentativas de formular um Credo mais amplo e complexo, conforme as circunstâncias do tempo.

O esforço hermenêutico da comunidade de fé busca, portanto, ponto de intersecção entre a fidelidade ao sentido último da Revelação e a necessidade de responder a perguntas levantadas pelo momento histórico-cultural¹¹, seja pelas ciências, seja pelos apelos da existência, seja pelas práticas sociopolíticas. Desse modo, dentro do novo contexto sociocultural, exigem-se sempre novas releituras¹², interpretações e compreensões da Revelação.

Libanio observa que, nesses esquemas ou momentos, não se questiona o ponto fundamental da compreensão do verdadeiro sujeito

¹¹ Convém recordar a motivação do Papa João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II (1962), para promover a doutrina: "[§5] Uma coisa é a substância do 'depositum fidei', isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance" (JOÃO XXIII, 1962, s/d).

¹² Para o teólogo Andrés Torres Queiruga, o antigo paradigma cultural (objetivista, a-histórico e pré-secular) foi quebrado com a entrada da Modernidade, com o qual estavam inevitavelmente solidárias tanto a expressão como a institucionalização da fé, em virtude disso o cristianismo necessita 'retraduzir-se' no novo marco (cf. QUEIRUGA, 2003, p.246-249).

hermenêutico, que é o Povo de Deus (Igreja), ao longo da história (cf. LIBANIO, 2005, p.164).

2.3 Aspecto prático

A dimensão existencial da fé, como resposta livre e madura à proposta de Deus, supõe compromisso, entrega, engajamento. Procurando penetrar a clássica afirmação de São Tiago em 2,17, de que a fé sem as obras é completamente morta, esse compromisso pessoal quer avançar a reflexão: morta não somente para fora, mas também para dentro, na medida em que carrega em si a morte.

Encarnando-se em compromissos com a história, com a realidade concreta em que se vive,¹³ a fé, ou seja, a proposta de Deus só pode ser vivida no agir do dia-a-dia (cf. LIBANIO, 2005, p.165). Dessa forma, não há uma verdadeira fé sem práxis, não há uma doutrina correta (ortodoxia) que não implique uma práxis correta (ortopraxis). O critério válido da ortodoxia se articula, por conseguinte, com a ortopraxis, isso significa que a fé viva está sempre articulada com a caridade¹⁴.

2.4 Aspecto escatológico

Se os aspectos abordados anteriormente indicam a dimensão intra-histórica do agir humano, como ato visceralmente ligado às coordenadas do tempo e do espaço, a fé cristã pretende, sem negar a dimensão de tempo, de historicidade, ser o início já começado da plenitude de vida eterna¹⁵. Cabe, nesses termos, algumas indagações: o que significa a fé como o início da salvação definitiva, da realidade eterna? Que relação existe entre tempo e eternidade?

Comumente, concebe-se a eternidade como uma etapa depois do tempo, como a realidade que o homem viverá após a morte. Desse modo, tempo e eternidade se sucederiam como duas fases de um processo. Porém, na história temporal, já se vive a eternidade. É válido, portanto, a clássica afirmação da Teologia: "já e ainda não" (LIBANIO, 2010, p.196): toda vez que o homem participa desse futuro absoluto de Deus, no tempo transitório

¹³ Papa Bento XVI se detém, na segunda parte de sua carta encíclica *Deus caritas est*, a refletir sobre o serviço da caridade: "o amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais nada, para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isso em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal na sua globalidade. A Igreja também, enquanto comunidade, deve praticar o amor" (BENTO XVI, 2006, p.36-37). Também o Papa Francisco, na exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, afirma que "no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade" (FRANCISCO, 2013, n.177).

¹⁴ Conforme a epístola aos Gálatas: "a fé agindo pela caridade" (5, 6). Isso significa que o exercício da caridade manifesta que a fé é viva (cf. 1Jo 3,23-24).

¹⁵ O Concílio de Trento define a fé como "princípio da salvação humana" (DENZINGER, 2007, n.1532).

presente de sua vida, participa da eternidade (já) e se estrutura em vista dela em plenitude (ainda não).

No Quarto Evangelho, em 3,36 e 5,24, o conceito de vida implica a presença da eternidade no tempo, ou seja, de dentro da vida (tempo) emerge a vida (eternidade). Esses versículos, segundo o exegeta Raymond Brown, são elementos indicativos da escatologia realizada:

[Jo 3,36] “Quem se nega a crer no Filho *não gozará dessa vida*”. A negativa a crer se faz merecedora aqui e agora da ira eterna de Deus, do mesmo modo que no v. 18 se dizia que quem se nega a crer *já está julgado*. O lado positivo desta escatologia realizada aparece na afirmação de que todo aquele que crê no Filho *já possui* a vida eterna.

[Jo 5,24] Uma vez mais passa a primeiro plano deste evangelho a escatologia realizada: juízo, condenação, passagem da morte à vida (v.24) são parte dessa hora que já está aqui (BROWN, 1979, p.364.429, tradução nossa).

Na Suma Teológica, Santo Tomás define com Boécio a eternidade como “posse total, simultânea e perfeita de uma vida interminável” (AQUINO, 1980, 10a. 1). Desde essa clássica Teologia do século XIII, a Igreja ensina unanimemente que a fé é o início do céu, da visão beatífica, da plenitude final da realização humana (cf. DENZINGER, 2007, n.3008). Entretanto, indaga-se a razão metafísica de a fé ser o início da visão.

Fé e visão – se atinge de maneira imediata a mesma realidade: vida íntima de Deus. A maneira é diferente. A fé, de modo incoativo; a visão de modo pleno. A fé “no espelho e de modo confuso” e a visão no “face a face” (1Cor 13,12). A fé e a visão exprimem dois modos diferentes de participar do mesmo Deus trino (LIBANIO, 2005, p.168).

Deus possibilita, portanto, ao homem responder ao seu convite pela fé que o lança para além desse tempo, para dentro da eternidade de Deus (cf. BENTO XVI, 2007, p.23), onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade.

Considerações finais

Há um relacionamento íntimo entre os níveis da fé, sem os quais a fé cristã, como acolhida da Palavra de Deus revelada em Jesus de Nazaré, fragiliza-se, apaga-se, perde o sabor e o vigor, tornando-se infrutífera ou estéril. Por sua vez, os aspectos da fé cristã, sobremaneira, o existencial e

o prático, concorrem para a profundidade da experiência de Deus e a responsabilidade do homem e da mulher de fé no mundo.

Em sua dimensão pessoal e comunitária, a fé cristã se relaciona intimamente com a práxis libertadora, como mediação humana da participação na vida trinitária. Entre esses aspectos, destacamos o prático que parte da reflexão da afirmação clássica de São Tiago (2,17), para quem a fé, sem obras, é morta.

A fé se apresenta como uma entrega e um engajamento – como traços do “amor absoluto de Deus”, amor que, segundo Balthasar é o objeto da fé (cf. BALTHASAR, 1969, p.129) –, prolongando-se por meio de compromissos com as transformações das realidades, no intuito de lutar contra as desigualdades, de um lado, e; de outro, de estabelecer a fraternidade, a justiça e a paz.

Referências

AQUINO, T. *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Correa. v.1. 2.ed. Porto Alegre (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes): Livraria Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

BALTHASAR, H. U. von. *Somente o amor é acreditável*. São Paulo: Paulinas, 1969.

BENTO XVI, Papa. *Deus caritas est*: carta encíclica sobre o amor cristão. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI, Papa. *Spe Salvi*: carta encíclica sobre a esperança cristã. São Paulo: Loyola; Paulus, 2007.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*: a transparência de todas as coisas. Campinas: Versus, 2002.

BRANCO, Lucia Castello. *O amor não vazará meus olhos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2006.

BROWN, Raymond. E. *El Evangelio Segun Juan*: I-XII. Madrid: Cristiandad, 1979.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições, e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. *Vatican*, Roma, 24 nov. 2013. Exortação Apostólica. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#Confiss%C3%A3o_da_f%C3%A9_e_compromisso_social>. Acesso em: 25 jun. 2021.

FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. 14.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso de abertura solene do SS. Concílio *Vatican*, Basílica de São Pedro, 11 out. 1962. I Sessão. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council_po.html>. Acesso em 25 jun. 2021

LIBANIO, João Batista. *A escola da liberdade: subsídios para meditar*. São Paulo: Loyola, 2010.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBANIO, João Batista. *Eu creio - Nós cremos*. Tratado da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

LIBANIO, João Batista. *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIBANIO, João Batista. *Fé e Política: autonomias específicas e articulações mútuas*. São Paulo:

Loyola, 1985.

LIBANIO, João Batista. *O eterno problema da fé*. Rio de Janeiro: Publicações da CRB, 1974.

MONNERAT CELES, L. A. *Formação da consciência crítica: subsídios psicológicos*. 2. ed. v. 3. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/CRB, 1980.

PAULO VI, Papa. Credo do Povo de Deus. *Vatican*, Praça de São Pedro, 30 jun. 1968. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_credo_po.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989.

RAHNER, Karl. O Deus trino, fundamento transcendente da história da salvação. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. (Ed.). *Mysterium Salutis* [compêndio de dogmática histórico-salvífica]: a história salvífica antes de Cristo. vol.2. 1.tomo. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. 17.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SESBOÜÉ, B. *Karl Rahner: itinerário teológico*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. WOLINSKI, J. *O Deus da salvação: a tradição, a regra de fé e os Símbolos; a Economia da salvação; o desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2002.